

Um grande passeio?



O traçado sinuoso é uma das características da Rio-Petrópolis - Arquivo/30-09-1969¹

Carolina Vicente
Luciana Helena Mussi (monitora)
Ruth Gelehrter da Costa Lopes (docente)

Desde o ingresso na disciplina eletiva sobre *Envelhecimento na Literatura*, as discussões sobre a invisibilidade que passa a existir nesse período da vida foi bastante intrigante e curioso, pelo simples fato de que é uma das coisas mais corriqueiras e fáceis de observar hoje em dia, nas relações dos mais jovens com os idosos. Além disso, ao atentar-se mais ao tema, foi possível achar inúmeros materiais que ilustram essa situação; desde curtas-metragens, livros, contos e até mesmo em episódios familiares (e cotidianos).

Um desses exemplos é o conto “O grande passeio”, de Clarice Lispector, que integra o livro “Felicidade Clandestina”.

Clarice Lispector, nascida Haia Pinkhasovna Lispector (Tchetchelnik, 1920 — Rio de Janeiro, 1977) foi uma escritora e jornalista brasileira, nascida na Ucrânia e naturalizada brasileira.

¹ Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/rio-de-historias/washington-luis-inaugura-primeira-rodovia-asfaltada-do-brasil-8849272>.

Sempre que questionada sobre sua nacionalidade, Clarice afirmava não ter nenhuma ligação com a Ucrânia: “Naquela terra eu literalmente nunca pisei: Fui carregada de colo” - e que sua verdadeira pátria era o Brasil. ² (Wikipédia)

Em dezembro de 1943, publicou seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*. Escrito quando tinha 19 anos, o livro apresenta Joana, uma mulher que narra sua própria história em dois planos: a infância e o início da vida adulta.

Clarice e suas personagens sempre nos remetem a um universo mágico, complexo e profundo. Assim ela se resumia: “Sou tão misteriosa que não me entendo.” ³

Era evidente que a escritora trazia “novos ares” às letras brasileiras. Nessa altura, a literatura brasileira era dominada por uma tendência essencialmente regionalista, com personagens contando as dificuldades da realidade social do país na época. Clarice Lispector surpreendeu a crítica com seu romance, seja pela problemática de caráter existencial, completamente inovadora, seja pelo estilo solto, elíptico e fragmentário. Este estilo de escrita, marca característica da autora, pode ser observado em seus trabalhos subsequentes.

O conto

Em “*O grande passeio*”, Clarice conta a história de Margarida, que se apelidava Mocinha. Era uma “velhinha” pobre e que vivia sozinha. Tivera pai, mãe, marido e dois filhos, mas todos já haviam falecido. Vivia de pequenas esmolas e da solidariedade das pessoas que cruzavam seu caminho. Mocinha nascera no Maranhão e, chegara ao Rio de Janeiro graças a uma senhora que a trouxe com a pretensão de interná-la em um asilo, mas a “pobre” acabou, sem saber porque, a morar/dormir no fundo da casa grande de uma família que lhe acolhera, no bairro de Botafogo.

Um dia, a tal família, se deu conta que Mocinha já estava ali há muito tempo. Quase sempre passava despercebida, exceto durante festas, comemorações ou quando havia visitas. A presença de Margarida era notada apenas nessas ocasiões, pois o que se percebia era que o simples vulto da “velhinha” causava incômodo e vergonha à família.

Em certa ocasião, após um imenso mal estar durante uma festa, resolveram deixá-la, sem maiores explicações, na casa de uma cunhada em Petrópolis. A viagem foi feita na companhia de um filho da dona da casa, da namorada dele e de duas irmãs. Mocinha recebeu a notícia com muita ansiedade, pois, para ela significaria uma enorme mudança de vida. Pelo menos era o que ela imaginava...

² Clarice Lispector. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Clarice_Lispector

³VASQUEZ, P.K (S/D). Clarice por Clarice. Disponível em: <http://www.claricelispector.com.br/autobiografia.aspx>

Tamanha ansiedade e excitação impediram Mocinha de dormir na noite anterior da viagem. Com isso, muitos flashes (descontínuos), vinham-lhe à mente: rasgos de recordações de sua vida no Maranhão, a morte do filho Rafael atropelado por um bonde, a morte da filha Maria Rosa de parto, e o marido...

Passado bastante tempo, já de madrugada, Mocinha conseguiu pegar no sono. Pela primeira vez, tiveram que acordá-la e a acomodaram no carro. A viagem transcorreu bem, entre cochilos e novos flashes de memória com cenas “cortadas” da vida passada.

A fim de evitar “historinhas”, preferiram deixar Mocinha próxima à casa da cunhada. A instruíram sobre como chegar até lá e perguntar por Arnaldo, o irmão do rapaz que dirigia o carro. Também disseram que era para ela dizer que não tinha mais como ficar na casa de Botafogo e que, uma vez hospedada lá, poderia cuidar do filho do casal. A alemã, mulher de Arnaldo, enquanto dava comida ao filho, deixou Mocinha sentada, sem lhe oferecer nada, enquanto esperava o marido. Quando esse chegou, conversou com a mulher e decidiram que a velhinha não poderia ficar ali. Por conta disso, deu-lhe um pouco de dinheiro para que ela pudesse pegar um trem e voltar para a casa em Botafogo.

Mocinha agradeceu e saiu pela rua. Parou para tomar um pouco de água em um chafariz e continuou andando por uma estrada que subia, sentindo um peso no estômago e alguns reflexos pelo corpo, como se fossem luzes “... a estrada branca de sol se estendia sobre um abismo verde. Então, como estava cansada, a velha encostou a cabeça no tronco de árvore e morreu” (LISPECTOR, 1981, p. 37).

Reflexões

Em quase todas as partes do mundo, a velhice vem sendo tratada com descaso, tanto em relação aos aspectos físicos quanto sociais. Observa-se que esse fenômeno vem se tornando mais gritante, na atualidade. Há alguns anos a velhice representava sabedoria, e o velho era visto, muitas vezes, como alguém que deveria ser respeitado, em máxima instância, por ter vivido mais experiências e ser o grande precursor da família.

Entretanto, hoje, apesar da acelerada longevidade, há uma natural limitação, própria do avançar dos anos, que, muitas vezes, obriga o velho a sair do meio social e, conseqüentemente, depender dos cuidados de outra pessoa, levando-o, assim, a uma baixa autoestima e invisibilidade.

Apesar das inúmeras tentativas dos idosos de se atualizarem e se inserirem na demanda da sociedade atual, eles passam - provavelmente, devido a essa equivocada concepção da velhice - a não terem mais direito a ter escolhas e vontades próprias, vivendo a mercê das pessoas do meio no qual eles fazem parte, sejam parentes, filhos, amigos ou até mesmo estranhos.

O “envelhecer”, certamente, acontecerá na vida de todos e, por isso, deveria ser um momento de descanso, de aproveitar os detalhes que foram impossibilitados de serem contemplados devido à correria do cotidiano de um “adulto ativo” e recapitular todas as experiências que já tivera. E não, como é para muitos, um período de perda de identidade pessoal e social.

Vale ressaltar, ainda, os “jovens” que veem o envelhecimento através dessa visão negativa, tendem reconhecer esse período como algo ruim a ser evitado, ao máximo. Com isso, a necessidade obsessiva de acreditar na eterna juventude é um desejo (quase inconsciente) de fugir das leis da natureza. Talvez, por isso, o simples fato de conviver com algum idoso seja desconfortável, pois faz com que a pessoa se conscientize que esse período é inevitável.

O cuidado de um idoso ainda pode depender do grau de proximidade com o mesmo. Ou seja, quando se trata de algum familiar talvez ainda haja maior compromisso em cuidar, seja por obrigação, por amor ou retribuição. Às vezes, mesmo que com esse “endividamento”, essa responsabilidade vai sendo passada de um familiar ao outro por inúmeras razões: falta de tempo ou de condições financeiras, por exemplo.

O conto de Clarice Lispector já se inicia com uma descrição que relata, claramente, o abandono que existe frente aos idosos:

Era uma velha sequinha que, doce e obstinada, não parecia compreender que estava só no mundo. Os olhos lacrimejavam sempre, as mãos repousavam sobre o vestido preto e opaco, velho documento de sua vida. No tecido já endurecido encontravam-se pequenas crostas de pão coladas pela baba que lhe ressurgia agora em lembrança do berço. Lá estava uma nódoa amarelada, de um ovo que comera há duas semanas. E as marcas dos lugares onde dormia. Achava sempre onde dormir, casa de outro. (LISPECTOR, 1981, p. 28)

Como discutido, a condição do envelhecimento, muitas vezes, é um “combinado” entre incômodo e abandono, que resulta na invisibilidade. E o incômodo, por sua vez, também é notado em relação à idosa do conto de Clarice em diversos trechos:

“A família da casa de Botafogo um dia surpreendeu-se de tê-la em casa há tanto tempo, e achou que assim também era demais”. (LISPECTOR, 1981, p. 29)

“Sobretudo uma das moças da casa sentia um mal estar irritado, a velha enervava-a sem motivo”. (LISPECTOR, 1981, p. 30)

Nesses trechos, ainda é possível notar certa individualidade humana, talvez pelo medo dessa fase da vida, uma vez que a idosa, apesar de viver naquela casa grande em Botafogo, não recebia nenhum tipo de cuidado e preocupação que sua idade pede, nem em relação às necessidades básicas, como alimentação, por exemplo. Ao contrário, sua presença só era notada no momento em que recebiam visitas, pois lhes causavam certo incômodo, além da invisibilidade: “A família achava graça em Mocinha, mas esquecia-se dela a maior parte do tempo” (LISPECTOR, 1981, p. 29).

Como já mencionado, as consequências, boas ou ruins, vão se desenrolando ao longo da história. A consequência ruim de exclusão e falta de possibilidades da personagem, faz com que ela tenha uma memória perdida ou, talvez, esquecida (por opção). Como se fosse uma forma de refúgio dentro de si. Mesmo porque, no caso de Mocinha, suas lembranças trariam as tragédias de sua vida, o que poderia ser uma catástrofe emocional.

Entretanto, quando lhe é “imposto” o passeio à Petrópolis, a personagem é tomada por uma ansiedade gostosa e expectativa de mudança de vida. As possibilidades, que de certa forma lhe eram devolvidas, acenderam nela lembranças e certa emoção, que já não tinha há muito tempo.

É que se sensibilizara toda. Partes do corpo de que não tinha consciência há longo tempo reclamavam agora a sua atenção. E de súbito — mas que fome furiosa! Alucinada, levantou-se, desamarrou a pequena trouxa, tirou um pedaço de pão com manteiga ressecada que guardava secretamente há dois dias. Comeu o pão como um rato, arranhando até o sangue os lugares da boca onde só havia gengiva. E com a comida, cada vez mais se reanimava. Conseguiu, embora fugazmente, ter a visão do marido se despedindo para ir ao trabalho. (LISPECTOR, 1981, p. 31)

O processo de individuação (C.G. JUNG)

Todo ser tende a realizar o que existe nele... a crescer, a completar-se.
(SILVEIRA, 1997, p 77).

O homem é capaz de tomar consciência desse desenvolvimento de suas potencialidades, assim como influenciá-lo. Com isso, pode-se dizer que o processo de individuação é a realização de um indivíduo inteiro e específico, que se dá através da colaboração e do confronto entre a consciência e o inconsciente. Nessa realização há união, síntese e amadurecimento dos diversos componentes da personalidade, que se unem e amadurecem.

O processo de individuação não é algo linear, é um movimento de circunvolução que conduz a um novo centro psíquico: o Self (Si Mesmo), que é o centro da personalidade total (bem como o ego é o centro do campo da

consciência). Quem busca individualizar-se, visa completar-se; é a tendência instintiva de realizar, plenamente, as potencialidades inatas do ser humano.

Esse trabalho, de individuação, leva em conta os componentes coletivos da psique humana, ou seja, os conteúdos do inconsciente coletivo e, com isso, espera-se um melhor funcionamento do indivíduo dentro da coletividade. Conforme Jung (2008), no processo de individuação é preciso que o sujeito se adeque tanto às estruturas internas (inconsciente) quanto às externas – ao indivíduo.

Conforme a teoria de Jung (2008 “a individuação, no entanto, significa precisamente a realização, melhor e mais completa, das qualidades coletivas do ser humano [...] o fator determinante e um melhor rendimento social” (JUNG, 2008, p. 63).

A partir disso, entendemos que o processo de individuação depende das relações cotidianas do sujeito, sendo concebida como “tornar-se si mesmo” (JUNG, 2008: 63):

É um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é. Com isto, não se torna ‘egoísta’, no sentido usual da palavra, mas procura realizar a peculiaridade do seu ser. (JUNG, 2008, p. 64)

Processo de individuação e o “O Grande Passeio”

À luz da teoria de Jung, por sua vez, o primeiro ponto a ser discutido é em relação ao simbolismo do nome e apelido da personagem - Margarida e Mocinha, respectivamente. Margarida é uma flor que, como todas, desabrocha, ou seja, capaz de se desenvolver, amadurecer, despertar.

Enquanto que a escolha de Mocinha, que é como a personagem se apresenta, já diz por si só: como se fosse outra “máscara” que envolve uma personagem e uma vida oposta a que é representada e vivida por Margarida. Sob essa mesma óptica, o título do conto “O grande passeio”, já nos remete a ideia de um caminho que, pode simbolizar a jornada da vida a fim de atingir outro estágio, para o conhecimento de si mesmo.

O processo de individuação, por sua vez, é um processo de relação. E, a relação com o Si-Mesmo é, também e paralelamente, a relação com o próximo. É exatamente a partir do meio da vida – metanóia - em que se tem um encontro maior com o Si-Mesmo. Para isso, como recurso, usa-se tudo que se construiu durante a vida, baseadas e todas as referências.

No caso de Mocinha, ela perde sua referência de lugar (o Maranhão) e afetiva (sua família); conseqüentemente, seu processo de individuação é interrompido. Com a mudança à Petrópolis, esse processo é “reascendido”, pois a idosa tem a expectativa de construir novas referências. É só no momento da reflexão

sobre si, durante essa viagem à Petrópolis, que a personagem consegue olhar um pouco para si e para suas particularidades individuais.

O jogo da individuação ocorre no conto, através de um momento de repentina compreensão, em que assistimos a identidade da protagonista descentrada, atingindo seu estranhamento e, conseqüentemente, sua individuação: a personagem, mergulhada num fluxo de consciência, passa a ver o mundo e a si mesma de outro modo.

Considerações

Esse é só um dos muitos contos sobre a velhice, e um dos muitos exemplos que ilustram a situação em que os idosos vêm sendo colocados na sociedade. Retrata, claramente, a vulnerabilidade imposta: o descaso às suas próprias escolhas, a falta de um espaço digno para viver e a negação ao direito de liberdade. Assim, muitas vezes, passam despercebidos, quase ou totalmente invisíveis.

Apesar desse cenário comum, pode-se considerá-lo como uma contradição frente ao crescente aumento da expectativa de vida e possibilidades para a terceira idade. É interessante notar, como esse “não cuidado” ao idoso é quase sempre mascarado/escondido pela sociedade.

Durante a viagem à Petrópolis percebemos diversas “falas impessoais”. No conto de Clarice, as pessoas nunca se dirigem à Mocinha diretamente, é sempre uma relação impessoal.

Na verdade, o que vemos na ficção reflete a vida real, em nossas relações cotidianas: constatamos que a voz do idoso é “roubada”, fato este que o leva a sensação de impotência e invisibilidade.

Referências

JUNG, C.G. *O Eu e o inconsciente*. (Silva, D.F., Trad.). Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2008.

LISPECTOR, C. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.

SILVEIRA, N. *Coleção Vida e Obra*. (20ª ed.). São Paulo: Editora Paz e Terra, 1977.

Data de recebimento: 18/7/2014; Data de aceite: 13/8/2014.

Carolina Vicente - Aluna do curso de graduação de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica – PUCSP, 5º semestre. Email: carolsv1408@gmail.com

Luciana Helena Mussi – Engenheira, Psicóloga e Mestre em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Doutoranda em Psicologia Social, também pela PUCSP. Colaboradora do Portal do Envelhecimento. Associada do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (Olhe). Email: lucianahelena@terra.com.br

Ruth Gelehrter da Costa Lopes - Supervisora Atendimento Psicoterapêutico à Terceira Fase da Vida. Profa. Dra. Programa Estudos Pós Graduated em Gerontologia e no Curso de Psicologia, FACHS. Email: ruthgclopes@pucsp.br